



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – 2024

OCUPAÇÕES URBANAS E LUTA PELO DIREITO À MORADIA EM FEIRA DE SANTANA, ENTRE 1985 E 2010

Luiz Eduardo Lima Cerqueira¹; João Pedro Nascimento Pereira²; Júlia Santos Pinho³;

Janio Santos⁴;

1. Bolsista CNPq/UEFS, Graduando em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: luiz.edugeo@gmail.com
2. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: pedronascimentopereira8@gmail.com
3. Bolsista CNPq/UEFS, Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: juliasantos9126@gmail.com
4. Janio Santos, Doutor em Geografia, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: janiosantos@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Ocupações; Feira de Santana; Lutas, Moradia.

INTRODUÇÃO

As relações de produção e reprodução do espaço urbano por sujeitos e classes sociais muito distintas, engendradas num sistema capitalista em que a articulação e a fragmentação se entrelaçam numa complexa contradição, geram diversos conflitos nos âmbitos espacial, territorial, social, político, econômico, ideológico e também simbólico. Como produto dessas relações, apresentam várias feições nos campos do concreto no que se refere à segregação socioespacial urbana. (Corrêa, 1989).

Das disputas por espaço urbano entre os diversos agentes sociais, as ocupações se apresentaram como principal foco deste trabalho. Sobre as mesmas, ao trazer as contribuições de Caminha (2018, p.3), são “a reapropriação social de espaços abandonados como solução para as mais distintas necessidades: moradia, trabalho, lazer, criatividade e lutas política e social [...] são formas de luta pelo direito à cidade e almejam alcançar o acesso universal à cidade, por meio do valor de uso dos equipamentos e bens públicos”.

O objetivo deste trabalho está em investigar as atuais formas de ocupações urbanas, promovidas por distintos sujeitos sociais e tendo como foco o espaço urbano de Feira de Santana, com vistas a pensar quais os meios de luta e resistência por parte dos sujeitos segregados em busca do acesso à moradia, entre 1985 e 2010.

Em cada cidade acontecem ocupações do solo urbano que proporcionam distintas e desiguais formas de consumo do espaço urbano, o que ocorre de maneira diferenciada, embora alguns fatores possam ser destacados, como inserção na industrialização e a associação Estado-capital, capazes de produzir a expansão da malha urbana e priorizar projetos imobiliários, paralelos à segregação socioespacial, apresentando como fruto desse conjunto as ocupações urbanas.

MATERIAIS E MÉTODO

Para a realização deste trabalho tornou-se necessário a realização de um levantamento bibliográfico através de livros, teses e artigos que abordam temas como habitação e ocupações. No tocante à pesquisa documental, foram analisados documentos do Arquivo Público Municipal, de jornais locais e sites para o levantamento de registros e dados que comprovem as ocupações ocorridas em Feira de Santana, entre 1985 e 2010. O trabalho parte de estudos feitos por Sampaio (2022); posteriormente, Pereira e Pinho (2023) realizaram pesquisas em campo e visitaram as 50 possíveis ocupações encontradas, quando foram realizadas entrevistas com 2 moradores de cada área; e assim, novas idas ao campo, em parceria com a bolsista Júlia Pinho, para verificar novas possíveis ocupações, obtidas com base nas conversas informais, respostas dos entrevistados e levantamento documental, assim como retornos às visitadas anteriormente, para realizar registros fotográficos. Também foi realizado o mapeamento das informações e, por conseguinte, a elaboração de mapas temáticos sobre essas áreas atuais de ocupações em Feira de Santana, para delimitar sua abrangência, através do uso do Software QGIS.

OCUPAR PELO DIREITO À MORADIA

As ocupações, de acordo com Nascimento (2016), contestam as falhas das políticas habitacionais, que não conseguem prover soluções acessíveis e adequadas para os economicamente desfavorecidos. Nesse sentido, evidencia-se a mercantilização da moradia e a parceria Estado-capital, enxergando nas ocupações uma resistência à lógica dominante e uma reivindicação por moradias dignas. Além disso, a autora caracteriza essas ocupações como ações políticas coletivas que buscam reconfigurar a cidade, formando uma rede de apoio com ativistas e organizações, e vendo-as como exercícios de direitos urbanos que desafiam a ilegalidade e propõem uma nova comunidade política. Assim, as ocupações são entendidas como movimentos relevantes na luta por uma existência urbana mais justa e inclusiva.

Como discutido por Batista e Canettiéri (2015), o ato de ocupar terrenos ou construções ociosas de forma autogestionada e autoconstruída é direcionado pela necessidade básica de moradia. Essa prática é vista como uma forma de atender à necessidade absoluta de dispor de um lugar para se instalar, em contraposição à lógica predominante da realização do valor de troca no contexto capitalista. Dessa forma, as ocupações urbanas são compreendidas como uma forma de resistência e de busca por dignidade por parte dos moradores, que encontram nessa prática uma maneira de garantir um lugar para viver e participar ativamente na sociedade e contra as desigualdades sociais presentes na cidade-mercado.

Santos (2019) entende as ocupações como a dimensão do conflito, e ao serem compreendidas dessa maneira, revelam a existência de conflitos latentes na produção do espaço urbano. Elas emergem como formas de resistência contra uma lógica urbana hegemônica que favorece a especulação imobiliária e a segregação, e exclui segmentos significativos da população do direito à cidade. Ao mesmo tempo, essas ocupações são vistas como espaços de produção, onde novas formas de viver, organizar-se e resistir são criadas. Essa dualidade, resistência e produção, indica que os ocupantes estão engajados em um processo contínuo de negociação, articulação e criação dentro de um campo de forças que inclui aspectos econômicos, políticos e sociais.

URBANIZAÇÃO E EXCLUSÃO: A MORADIA EM FEIRA DE SANTANA

A análise das dinâmicas de ocupação e expansão urbana em Feira de Santana permite observar os processos que moldaram o cenário habitacional e o crescimento da cidade (Mapa 1). Com base nos dados populacionais fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), verifica-se um aumento significativo da população urbana desde 1940, com um crescimento exponencial entre as décadas de 1960 e 1970, período em que a população quase dobrou, passando de 69.884 para 131.720 habitantes.

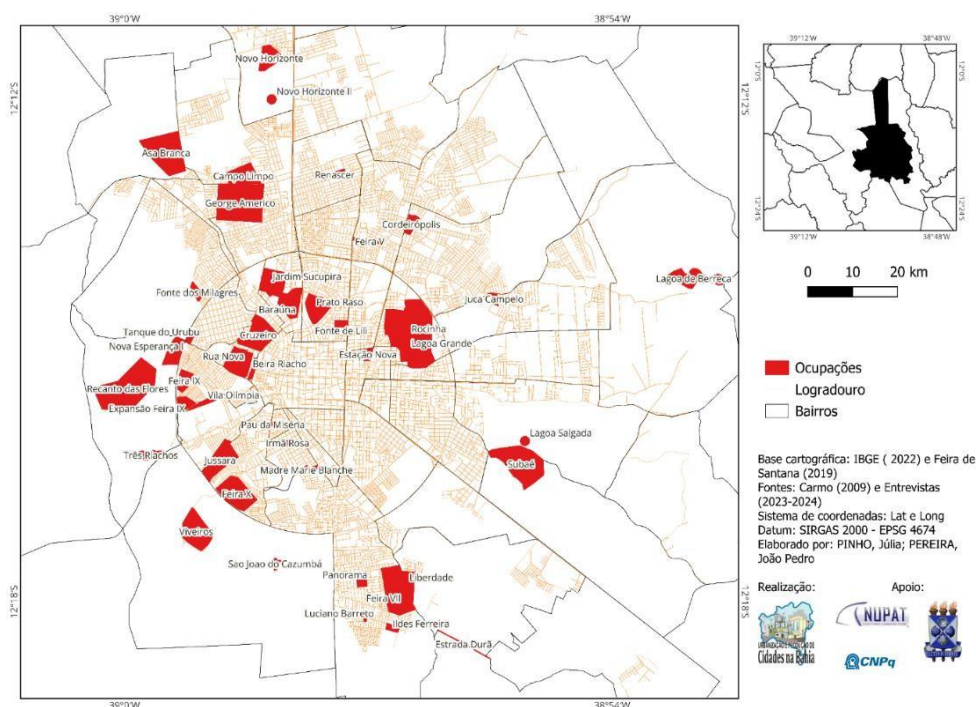
As investigações realizadas nesta presente pesquisa identificaram várias condicionantes que influenciaram a localização das ocupações em Feira de Santana no período de 1985 a 2010: a construção de moradias em áreas próximas ou mesmo dentro das lagoas, das quais parte foi suprimida; a apropriação de terrenos provenientes do PLANOLAR; o adensamento urbano, que ocorreu por meio de subdivisões de terrenos ou lotes previamente ocupados ou em processo de consolidação; e a produção de habitações através de iniciativas coletivas em áreas públicas ou privadas que não desempenhavam função social.

Em alguns casos, essas ocupações foram organizadas, contando com a presença de representantes e lideranças comunitárias, como na ocupação do George Américo e em outras organizadas pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC). Em outros casos, as ações foram mais dispersas e menos associadas a movimentos organizados, sendo algumas vezes fruto do “boca a boca”, segundo relatos de entrevistados.

Em 2024, foram realizadas novas visitas a campo, foi possível constatar a ocorrência de diversas ocupações em áreas que ainda não eram de interesse do mercado imobiliário, como zonas inundáveis e terrenos não edificadas, especialmente nas partes mais afastadas do centro urbano, o que dispersou a população e resultou no avanço para além dos limites estabelecidos pelo Anel de Contorno. Ver Mapa 1 com todas possíveis ocupações identificadas.

O processo de ocupação, como foi possível notar nas entrevistas, ocorreu em decorrência do desejo de morar na cidade, de fazer parte daquele corpo social e do novo padrão. Inserir, de alguma forma, o cotidiano no espaço urbano que se estabelecia. Para isso, famílias e multifamílias procuraram diversos locais na cidade para construir seu habitat.

Mapa 1: Possíveis ocupações identificadas em Feira de Santana, entre 1960 a 2010



Cada ocupação possui especificidades próprias ao seu processo de formação e motivações que levaram os habitantes a ocuparem esses espaços. No que tange ao perfil dos moradores, embora a maioria seja de trabalhadores de classe de baixa renda, ou famílias que,

pela necessidade de habitação, encontraram nas ocupações espontâneas essa solução, algumas dessas ocupações tiveram sua formação destinada a públicos específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação de terras urbanas no Brasil reflete a luta das classes pobres pelo direito à moradia em um contexto capitalista de profundas desigualdades sociais e econômicas, em que o acesso formal à terra é inacessível para a maioria. As ocupações tornam-se a estratégia mais viável para muitos garantirem um lar, apesar de serem frequentemente criminalizadas pelos grupos dominantes e pela mídia conservadora.

A análise das ocupações e da expansão urbana em Feira de Santana mostra que o crescimento populacional e a urbanização acelerada nas décadas de 1960 e 1970 foram impulsionados pela industrialização e modernização, destacando-se a criação do Centro Industrial Subaé nesse processo. Isso atraiu migrações rurais, mas resultou em dificuldades e falta de infraestrutura, em que os pobres, majoritariamente migrantes de zonas rurais e negros, utilizaram a ocupação para sobreviver em uma cidade marcada pela desigualdade.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, J. V. **Sobre as ocupações urbanas e suas potencialidades como comum**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2018.

CANETTIERI, T. O debate sobre as ocupações urbanas revisitado: entre o vício (da virtude) e a virtude (do vício), a contradição. **Revista eMetropolis**, Rio de Janeiro, [S.I], n. 29, p. 32-39, jun. 2017.

CORRÊA, R. L. **O Espaço urbano**. São Paulo, Ática, 1989.

IBGE. Sidra: Banco de dados: População 2022. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 ago. 2023.

NASCIMENTO, D. M. As políticas habitacionais e as ocupações urbanas: dissenso na cidade. **Cadernos Metrôpole**, v. 18, n. 35, p. 145–164, jan. 2016.

SANTOS, R. A. Na cidade em disputa, produção de cotidiano, território e conflito por ocupações de moradia. **Cadernos Metrôpole**, v. 21, n. 46, p. 783–806, set. 2019.